

OBSTÁCULOS NO DESENVOLVIMENTO CRIATIVO INFANTIL

Josilene Rodrigues LEITE¹

Marta Catib Costa SOSSAI²

RESUMO

O presente artigo apresenta argumentos de vários teóricos que nos mostram o que é o desenho para a criança, qual a importância do ato de desenhar, e quais erros que um adulto pode cometer durante estas fases de desenvolvimento artístico para que possamos entender por que em determinada fase algumas crianças acabam perdendo toda criatividade e interesse pelo desenho. Sendo que, identificar cada fase do desenho infantil não é o principal objetivo do artigo, mas sim mostrar que o que acontece nas fases anteriores da criança em relação aos seus trabalhos artísticos pode acarretar em diversas frustrações, fazendo com que ela se sinta insegura ao desenhar, perdendo toda criatividade e principalmente o prazer pelo ato de desenhar.

PALAVRAS-CHAVE

Interferência; criatividade; desenho.

1-Introdução

O desenho infantil passa por várias fases, inicia-se com o simples ato de rabiscar e conforme a criança vai crescendo e se desenvolvendo, suas representações também vão se modificando pouco a pouco.

O ato de desenhar propicia à criança prazer, satisfação, é algo que as fazem mais felizes e não importa o que estão desenhando, para elas não existem regras, não existe certo nem errado, apenas imaginam, criam e recriam o quanto for necessário até que se sintam satisfeitas.

O objetivo geral deste trabalho é identificar os erros que são cometidos nas primeiras fases do desenho da criança para assim poder explicar o por que que as crianças perdem sua criatividade mais adiante.

Estas crianças começam a se sentir inseguras ao desenhar, se julgam demais, comparam seus desenhos com os de seus colegas da escola, ou com qualquer outro modelo que frequentemente lhes são impostos.

¹ Graduanda em Artes – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré – SP – Brasil – josilenerdrgs@gmail.com

² Orientadora - professora da FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré- 18700-902 – Avaré – SP – Brasil – martaccs@hotmail.com

Sobre esta fase que corresponde a faixa etária de 9 anos de idade, discutirei neste trabalho, conforme os pensamentos de vários teóricos, dando destaque à Anamélia Bueno Buoro (2000), com sua obra "*O olhar em construção*".

Procurarei fazer ligação entre as fases iniciais do desenho infantil até chegar à fase de perda de criatividade, denominada por Buoro(2000) como a "fase do não sei desenhar" e quais suas ações.

Justificarei assim, por que isso acontece e como os professores devem ter diante de tal situação, para auxiliar estas crianças a serem mais criativas e voltar a sentir o mesmo prazer em desenhar que sentiam quando estavam começando a fazer seus primeiros rabiscos.

2 – A Relação do Desenho com a criança

De acordo com Edith Derdyk (2015), o desenho é uma forma de comunicação, expressão e conhecimento, podendo ser produzido em diferenciados suportes, não se limitando apenas a uma folha de papel e um lápis. Existem desenhos que são produzidos pelo homem, mas também existem os que já são da natureza e podemos encontrá-los por onde formos, no céu, nas formas das plantas, etc.

O desenho é uma das representações de arte mais antigas que existem nos dias de hoje, lembrando que, há milhares de anos atrás, os homens primitivos já produziam desenhos nas paredes das cavernas, de acordo com suas necessidades da época. Como diz Anamélia Bueno Buoro, "(...) a Arte está presente no mundo desde que o homem é homem." (BUORO, 2000, p.19).

O desenho é muito utilizado em nosso cotidiano, a maioria das coisas que podemos encontrar no mundo foram projetadas através de um desenho.

O desenho exerce grande importância em nosso dia-a-dia, é utilizado em várias áreas de conhecimento. Quase tudo que podemos ver no mundo, foi desenhado antes de existir. Estas observações nos fazem pensar que tudo que vemos e vivemos em nossa paisagem cultural, totalmente construída e inventada pelo homem, algum dia foi projetado e desenhado por alguém. (DERDYK, 2015, p.47)

Com base na citação de Derdyk podemos perceber que o ser humano está rodeado de desenho em seu dia-a-dia e desde muito pequeno já tem a necessidade de desenhar, como destaca Alexandroff (2010), afirmando que toda criança em determinado momento sente

vontade de desenhar, ela desenha em papel ou na ausência dele, qualquer coisa serve, até mesmo a terra do chão.

O desenho infantil é dividido em várias fases tendo, portanto muitos pesquisadores relatando sobre o assunto. Para Piaget, citado por Alexandroff (2010), as fases do desenho infantil são nomeadas da seguinte forma: garatuja, sendo dividida entre garatuja ordenada e desordenada, pré-esquematismo e esquematismo. Sendo que a fase do “esquematismo”, nomeado assim por Piaget, correspondendo dos 7 aos 10 anos de idade, terá enfoque no presente artigo.

Segundo Derdyk (2015), a criança transforma seus conhecimentos em representação artística. Até mais ou menos de 2 a 6 anos, elas desenhavam o que sabem e não o que veem. Nesta idade, seus desenhos estão totalmente relacionados com tudo o que vivenciam, são muito perceptivas, absorvem todas as informações ao seu redor e estas são armazenadas em sua memória, sendo representadas posteriormente em formas de desenho. Por este motivo, dificilmente poderemos encontrar alguma criança desta faixa etária desenhando, observando diretamente algum objeto, pois estas não sentem a necessidade de um modelo para imitar.

É através do desenho que expressam os sentimentos, se existe algo que lhes agrada muito em determinado lugar, provavelmente vão querer desenhar aquilo, mas se no caso neste mesmo lugar houver itens que lhes desagradam, elas excluirão de seus desenhos. Como podemos ver na obra “*A criança e sua arte*” de Viktor Lowenfeld (1954).

Suponhamos que Maria deseja pintar “como brinca com outras crianças no pátio”. É evidente que Maria só incluiu as coisas que conhece e que são importantes para ela. Importantes para ela, porém, são apenas as coisas com as quais estabeleceu relações mais ou menos sensíveis (LOWENFELD, 1954, p. 13)

2.1-Interferência do adulto no Desenho Infantil

Como dito anteriormente, o desenho infantil passa por várias fases, desde a fase dos rabiscos até chegarem às formas figurativas, sendo que cada uma tem respectiva importância para a criança. Segundo Derdyk (2015), referindo-se aos primeiros rabiscos infantis, muitos adultos não veem nenhuma importância naquilo, pois não tem “forma”, mas desconhecem o grande benefício que aqueles meros traços desordenados têm para a criança que o produz. Para elas, afirma Lowenfeld (1954), aqueles rabiscos são formas de aliviar certas tensões, é

um momento de alegria, sentem-se felizes ao rabiscar e, além disso, contribui para sua coordenação motora, ajudando a se desenvolver melhor.

Lowenfeld (1954) também nos relata que, no caso de uma criança filha única, ela não tem um irmão ou irmã para se relacionar, não tem como se livrar de suas frustrações através de uma briga, por isso o “desenho” tem esta função de expressão, de libertar-se do que lhe aflige.

De acordo com os pensamentos de Derdyk (2015), uma das atitudes mais prejudiciais dos adultos em relação ao desenvolvimento do desenho infantil é o ato de questionar demais, ou seja, querer nomear, saber o que significa aquilo, quando estas ainda estão na fase de seus primeiros rabiscos. Muitas vezes nem elas sabem, pois rabiscam pelo prazer de rabiscar, estão descobrindo o mundo, descobrindo os objetos e suas funções, percebem que quando deslizam a ponta do lápis no papel, deixam visíveis algumas marcas, riscos, que para elas não tem nenhum sentido.

Dando sequência a este pensamento, Lowenfeld (1954) nos relata que quando estas crianças são questionadas, geralmente não sabem responder. Se alguém lhes pedir para desenhar um objeto, uma fruta, ou qualquer outra coisa, provavelmente ela dirá que não sabe, ou pedirá para que a ensine, e se isto for feito, ela apenas tentará imitar as formas lhe impostas para poder agradar a pessoa.

Voltando à obra de Derdyk (2015), isto é explicado devido ao fato de que, nesta fase em que a criança se encontra, ela ainda não é capaz de desenvolver formas em seu desenho, ela nem ao menos tem esta preocupação. Como afirma em sua obra “*Formas de pensar o desenho*”.

A criança é um ser ativo: Age impulsivamente para uma aventura ousada e curiosa. A repetição de um gesto jamais desencadeia o mesmo resultado: não existe ainda um controle do instrumento. O trabalho é essencialmente energético, não possui nenhum compromisso com a configuração (DERDYK, 2015, p. 63)

Derdyk afirma que esta pressa dos adultos em querer que as crianças desenvolvam o desenho tão rápido é totalmente prejudicial no desenvolvimento artístico, não faz com que a criança se desenvolva, muito pelo contrário, faz com que ela se frustre com o que tem o objetivo de lhe causar alegria. Não há motivo para pressa, cada criança começará a rabiscar e

a desenvolver seus desenhos em tempos diferentes, algumas mais cedo e outras mais tarde, a cobrança apenas fará com que ela perca o gosto por desenhar.

Ressaltando o pensamento acima, vem contribuir:

Nunca será demais sublinhar que “empurrar” a criança constitui o costume mais prejudicial da educação moderna. (...) Mas o importante é a criança não se tornar parte da legião de cinco milhões de indivíduos (que só nos Estados Unidos), num momento ou noutro em suas vidas, ficam mentalmente ou emocionalmente transtornados, em vez de se tornarem pessoas que pensam de modo independente e criativo (LOWENFELD, 1954, p. 111)

A criatividade da criança nas fases iniciais do desenho vai além do que se pode representar numa folha de papel, muitas vezes quando interpretam o desenho, o deixa ainda mais rico em criatividade do que a própria representação que está no papel como nos afirma Derdyk (2015).

2.2- A Perda de Criatividade no Ensino Fundamental

De acordo com a obra de Buoro (2000), quando a criança avança para o Ensino Fundamental, sua expressividade através do desenho e de qualquer outra forma artística, conseqüentemente acaba diminuindo, não dá mais a mesma importância que dava ao desenho quando estava em sua fase inicial de desenvolvimento, pois agora está mais preocupada com a escrita, junto com os pais que geralmente não dão tanta importância para trabalhos artísticos pois desconhecem seus benefícios.

Falando em “falta de importância”, (não sendo meu foco neste artigo), é importante lembrar que a arte em geral é desvalorizada pela própria instituição escolar, tanto o desenho, quanto qualquer outra forma artística expressiva é posta sempre em segundo plano, como se não fosse importante para a formação da criança, como nos mostra Daniela Cristina Coletto (2009) em seu artigo “*A importância da arte para a formação da criança*”. Nesta mesma linha de pensamento Sueli Ferreira afirma: “[...] o desenho pode ser empregado como uma “operação tapa-buracos” entre atividades consideradas mais importantes dentro do espaço escolar, o que pode gerar um desinteresse ainda maior por parte das crianças”.(FERREIRA, 2001, p. 149)

Ao analisarmos isto, podemos perceber que o fato da criança sentir uma necessidade maior em dedicar-se à aprendizagem da escrita e deixar seus desenhos para segundo plano, já vem através da influência da escola e também de seus pais.

Também os pais colocam o trabalho de Artes Plásticas na escola em segundo plano, pois sentem-se ansiosos com a alfabetização dos filhos e não sabem muito bem a finalidade das aulas de Artes. Por esses motivos, o aluno em processo de alfabetização mostra menor interesse e capacidade de expressão espontânea por meio da Arte. (BUORO, 2000, p.36)

Buoro (2000) afirma também que, nesta fase, além da aprendizagem da escrita ter prioridade para estas crianças, elas também demonstram muita preocupação com o julgamento, querem saber o que as pessoas acham de seu desenho, para elas o ato de desenhar acaba se tornando algo muito sério, a preocupação sobre a aprovação e reprovação é muito grande e isso acaba conseqüentemente fazendo com que elas percam sua forma natural de expressão.

Reforçando esta afirmação de Buoro, MEC/SEF, afirma:

Na medida em que crescem, as crianças experimentam agrupamentos, repetições e combinações de elementos gráficos, inicialmente soltos e com uma grande gama de possibilidades e significações, e, mais tarde, circunscritos a organizações mais precisas. Apresentam cada vez mais a possibilidade de exprimir impressões e julgamentos sobre seus próprios trabalhos. (1998, p.93)

2.3- A fase do “não sei desenhar”

Na atualidade em que vivemos existem muitas maneiras de acabar com toda forma criativa que a criança é capaz de desenvolver. Vivemos em um mundo onde a tecnologia está cada vez mais avançada, as informações são instantâneas e junto com elas, as imagens. Os desenhos das crianças são facilmente influenciados pela mídia, o que elas veem na TV, são considerados a forma certa, o “bonito”, o “perfeito”, o mais aceitável. Como Rosa Iavelberg nos afirma:

O desenho da criança, desde cedo, sofre influência da cultura por intermédio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, de imagens e atos de produção artística que observa em TV, computador, gibis, rótulos, estampas, objetos de arte, vídeos, cinema, fotografias e trabalhos artísticos de outras crianças (IAVELBERG, 2003, p.83)

Esta fase em que a criança perde sua expressividade e interesse pelo desenho, é denominada por Buoro (2000), entre outros teóricos, como sendo a fase do “não sei

desenhar”. Buoro (2000) nos afirma que neste período em que a criança se encontra, por estar tão preocupada com o julgamento das pessoas e de seus próprios colegas da escola, elas optam por justificar sua falta de interesse dizendo que não sabem desenhar.

Entretanto Lowenfeld (1954) justifica dizendo que se a criança diz que não sabe desenhar é porque em algum momento ela foi bloqueada em sua ação expressiva. Ela possui capacidade de criar, de se expressar através de seu desenho, porém, não o faz porque em algum momento, algo deve ter acabado com sua autoconfiança e uma das coisas que deve tê-la prejudicado é a interferência de adultos que já ocorre muitas vezes desde muito cedo, quando estas estão começando a desenvolver seus primeiros rabiscos, como já citei em páginas anteriores.

Além disso, a obra de Lowenfeld (1954) também nos mostra que outra coisa que prejudica muito a criatividade da criança, são as revistas de colorir, ainda mais quando estas são muito novas.

Estas revistas não têm importância nenhuma para elas, muitas apenas rabiscam os desenhos ao invés de pintá-los, pois o desenho ali representado não representa nenhum sentimento para ela, como o que ela desenha por si própria, narrando alguma experiência vivida, algo que lhe traz alegria e satisfação.

Além de não transmitir nenhum sentimento para a criança, os desenhos contidos nestas revistas acabam influenciando-as a copiar e quando alguém pede para ela fazer um desenho, justificará que não sabe, pois irá lembrar-se dos desenhos da revista e se sentirá incapaz de desenhar, já que não consegue fazer igual ao modelo lá imposto.

Poderá acontecer também de uma criança desenhar e ao contar para um adulto sobre seu desenho, ser questionada por não haver nenhuma semelhança com o que ela diz ter representado. A criança diz que desenhou seu pai, mas sua representação não lembra uma figura humana, ou também o desenho sem os braços ou pernas, mas isso não quer dizer que ela não tenha conhecimento sobre como é a estrutura do corpo de seu pai, mas sim que no momento em que desenha ela faz o que para ela tem mais importância. Talvez ela tenha desenhado o pai com braços enormes, porque ela se lembrou de quando é abraçada por ele, ou seja os braços de seu pai é algo que ela dá muita importância, por este motivo ela quis enfatizar mais em seu desenho.

2.4 – O papel do professor diante da fase “não sei desenhar”

Após toda discussão sobre o que é o desenho para a criança, as fases em que este desenvolvimento passa, os problemas que são encontrados desde o início quando estão em suas primeiras garatujas e a grande consequência da interferência dos adultos no desenho infantil e as imagens que são impostas na sociedade através das novas tecnologias, que acarreta na tão citada por vários teóricos, como a fase do “não sei desenhar”. Afinal, pensando no professor em sala de aula, como este pode ajudar neste resgate criativo da criança?

Buoro (2000) em sua obra *“O olhar em construção”*, mostra através de experiências vividas, que o professor tem um papel fundamental para que estas crianças superem esta fase.

Quando a criança diz que não sabe desenhar, é resultado de um bloqueio vivenciado. Sueli Ferreira (2001) afirma que o professor deve estimular a percepção da criança, a imaginação, e o mais importante, a criança deve sentir prazer em desenhar. A autora cita em sua obra um caso que acontece em muitas escolas, que é o fato de o professor se preocupar demais com o resultado, quer que a pastas de atividades estejam completas e por isso quando um aluno falta da aula, lhe solicita que este faça a atividade proposta em sala de aula para os demais, em qualquer outro lugar. Isso jamais deve acontecer, pois este ato faz com que a criança não saiba a finalidade que teve aquele desenho, ela perdeu toda emoção de vivenciar este momento com os demais colegas.

Buoro (2000) afirma que o papel do professor é mostrar para o aluno que desenhar é algo totalmente diferente do que eles têm em mente, mostrar para estas crianças que existem várias formas de desenhos, existem os que são parecidos com a realidade, mas também existem os que modificam o real, os que são inventados através da imaginação. Destacando também a importância de se trabalhar com a leitura de obra de arte, dando o exemplo em seu livro, os artistas Miró e Picasso, para que os alunos analisem suas obras e vejam que não são todas “Certinhas”, que para desenhar não precisa que o desenho seja idêntico ao real. Estas crianças devem perceber que cada pessoa tem um olhar, se o professor pedir para eles desenharem um objeto, cada um vai desenhar de uma forma, ângulos diferentes, formas diferentes e não existe certo ou errado pois são pessoas diferentes com olhares diferentes sobre um mesmo objeto.

Buoro (2000) também propõe várias atividades que os professores podem estar realizando com estes alunos para que consigam resgatar o prazer pelo desenho, pois já não o sentem mais devido ao julgamento que fazem de si mesmos, de suas produções.

3-Conclusão

Diante das pesquisas realizadas sobre os pensamentos dos vários teóricos presentes neste artigo, conclui-se que o desenho para a criança é de extrema importância para seu desenvolvimento, tanto físico (motor), como psicológico e o “adulto”, que no caso me refiro tanto aos pais, irmãos, tios, quanto aos professores, é muito importante que estes procurem entender que a visão da criança é diferente da visão de um adulto e que o ato de desenhar para ela é como uma diversão é um momento em que ela usa para expressar seus sentimentos, por isso ela deve se sentir livre e sem julgamentos.

O feio e o bonito para ela não existem, até que isto lhe seja imposto, a partir deste momento ela perderá totalmente sua criatividade, começará a comparar seus desenhos com os que ela conheceu como sendo o “bonito”, o “certo”, até que, por fim ela perderá todo prazer que ela tinha, ficará inibida, bloqueada no âmbito artístico. O desenho para ela não terá mais nenhuma importância, pois se sentirá incapaz de produzi-lo.

Esta fase do “não sei desenhar”, pode ser evitada, mas quando ela já está se julgando incapaz, o professor em sala de aula pode ajudar com diversas maneiras propondo atividades que estimulem a imaginação da criança, e o mais importante, mostrar para ela que o que importa não é que seu desenho seja perfeito, e sim que o momento de sua produção lhe cause prazer.

4 – Referências

BRASIL: MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. V.3, Brasília: Parana Ed, 1998.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhar em Construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4ed – São Paulo: Cortez, 2000.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2015, 239 p.

FERREIRA, Sueli (ORG). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte, sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

Sites eletrônicos

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. 2010. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003.

Acesso em 17/06/2017 às 19:20min.

COLETO, Daniela Cristina. **A importância da arte para a formação da criança**. 2009. Disponível em :
<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34>. Acesso

em 30/06/2017 às 21:35min.